

Motivação como Intermediadora da Aprendizagem no Ensino Profissionalizante de Jovens e Adultos

Motivation as Learning Intermediary in Professional Education of Youths and Adults

Márcio Jacometti^{a*}; Rinaldo Aparecido da Costa^b

^aUniversidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Administração, PR, Brasil

^bColégio Estadual Professor Mailon Medeiros, PR, Brasil

*E-mail: marcio.jacometti@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo foi identificar fatores e expectativas que afetam a motivação enquanto intermediadora do processo de ensino e aprendizagem no ensino profissionalizante, modalidade Educação de Jovens e Adultos. Trata-se de um estudo de caso, realizado no Colégio Estadual Professor Mailon Medeiros, na cidade de Bandeirantes, situada no Norte do Paraná, Brasil, que mostra porque alguns alunos voltam a frequentar uma escola profissionalizante mesmo após o término de um curso superior ou quando já estão trabalhando. Na amostra aleatória selecionada, constatou-se que os alunos estão motivados, com a auto-estima elevada e comprometidos com a aprendizagem, na busca de objetivos de carreira. As conclusões podem auxiliar na escolha dos estímulos que devem ser utilizados por professores para aumentar a aprendizagem dos seus alunos na sala de aula.

Palavras-chave: Motivação. Estímulos para Aprendizagem. Ensino Profissionalizante.

Abstract

The purpose of this article was to identify factors and expectations affecting motivation as mediator in the process of teaching and learning in professional education of youths and adults. This is a case study in the State College Professor Mailon Medeiros in the city of Bandeirantes, located in Northern Paraná, Brazil, which shows why some students return to attend a professional school even after the end of a college, or even when they have a job. In the selected random sample, it was found that students are motivated with high self-esteem and committed to learning in the pursuit of career goals. The findings may help in the choice of stimuli to be used by teachers to enhance student learning in the classroom.

Keywords: Motivation. Stimulates for Learning. Professional Education.

1 Introdução

O presente artigo teve por objetivo levantar informações referentes à motivação como intermediadora do processo de ensino e aprendizagem e as expectativas dos alunos com o ensino profissionalizante. Pretende-se, também, oferecer subsídios para compreender o processo de motivação para a aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Um problema enfrentado pelos professores é a falta de motivação dos alunos. Ao se deparar com alunos poucos motivados, o professor tende a pensar que o que ele ensina pode não estar interessante ao aluno. Às vezes, o motivo se deve ao fato de as condições de trabalho não facilitarem a aprendizagem. Entre estas condições, destacam-se programas excessivamente carregados, excesso de alunos por sala, falta de materiais adequados, influência negativa da família como falta de orientação, falta de perspectivas de futuro, entre outras. Esta situação foge do controle e geralmente projeta uma visão bastante pessimista sobre a possibilidade de motivar os alunos; pessimismo que aumenta na medida em que a escolaridade avança.

A motivação dos alunos nem sempre importa ao professor, uma vez que é mais fácil providenciar uma apostila, transmitir

a matéria, cobrar nas provas e dar notas, como geralmente se faz nas escolas, a motivar os alunos a estudar de forma independente e criativa. Neste último caso, os resultados são muito mais gratificantes para os professores e alunos, pois ao final do processo, todos se sentem realizados.

Geralmente a conversa entre professores é sobre o programa incompleto, baixos rendimentos de alunos, ou sobre alunos indisciplinados. Por outro lado, poucas vezes se conversa sobre o papel do professor na formação dos alunos até sua plenitude. Disso resulta a importância da motivação no ambiente escolar, pois o ensino e a aprendizagem devem estar alicerçados com estímulos que desencadeiem a motivação.

A motivação escolar é algo complexo, processual e contextual, porém é evidente que muito pode ser feito para que os alunos recuperem ou mantenham seu interesse em aprender. É, portanto, um tema recorrente que merece maior investigação.

Tanto para behavioristas quanto para cognitivistas, a motivação fundamenta-se no princípio do hedonismo, que afirma que os indivíduos buscam o prazer e afastam-se do sofrimento. Acreditam que as pessoas se comportam de forma a maximizar certos tipos de resultados de suas ações, ou seja,

dão ênfase à aprendizagem capaz de resolver problemas do cotidiano. Sua abordagem é histórica, uma vez que o que motiva o comportamento são as consequências dos efeitos produzidos pelo comportamento passado dos indivíduos.

O pressuposto fundamental dos behavioristas, que os diferencia dos cognitivistas, é que a força que conduz o comportamento motivado está fora da pessoa, nasce de fatores extrínsecos que são soberanos a sua vontade. Desta forma, para os behavioristas existe uma ligação necessária entre o estímulo externo e a resposta comportamental. Trata-se de uma espécie de acomodação do organismo vivo às modificações operadas no meio ambiente (SKINNER, 1974).

A teoria behaviorista representa, de certa forma, um perigo ao se chegar indevidamente à percepção de que o homem está verdadeiramente motivado, quando na verdade está apenas alterando seu comportamento, reagindo ao meio exterior e se movimentando. Assim, a crença de que se pode dirigir o comportamento das pessoas a partir de uma programação controlada, independente de suas vontades, ameaça o sentido da identidade pessoal, definido e mantido ao longo de toda a vida (SKINNER, 1974).

Em oposição aos behavioristas, que acreditavam que é possível e necessário aprender a motivar os outros, os cognitivistas acreditam que ninguém jamais pode motivar quem quer que seja, uma vez que as ações humanas são espontâneas e gratuitas, tendo como origem suas impulsões interiores. Porém, não se pode esquecer que os indivíduos tendem a buscar o prazer e a se afastar do sofrimento, mas “a escolha feita em determinada situação é ocasionada pelos motivos e cognições próprios do momento em que faz a escolha”, conforme indica Aguiar (1992, p.256).

Os indivíduos possuem valores, opiniões e expectativas em relação ao mundo que os rodeia e que assim também são direcionados em seus comportamentos, baseados nas representações internas. Isto é, os indivíduos possuem representações internalizadas do seu ambiente envolvendo os processos de percepção, pensamento e aprendizagem. De acordo com estas representações, os indivíduos formam objetivos e lutam para atingi-los (AGUIAR, 1992).

Segundo Maslow (1943), motivação é o estado psicológico que corresponde ao sentimento de uma necessidade cujo objetivo é estabelecer conexões entre os interesses de dois ou mais indivíduos; motivo é tudo aquilo que inicia, sustenta e dirige uma atividade e leva o indivíduo a agir. É a ativação da consciência, a exigência de um crescimento, reunindo as necessidades humanas de sobrevivência, segurança, realização e crescimento, dentro de um plano biológico que chamamos de motivo real.

Um aluno está motivado quando sente necessidade de aprender o que está sendo proposto e entende que a sua aplicabilidade leva-o a esforçar-se e a perseverar no trabalho até se sentir satisfeito. O professor tem um papel decisivo nesse momento, pois a motivação de sua parte faz com que o aluno sinta, cada vez mais, o desejo de aprender.

Motivação é uma palavra utilizada com frequência nos dias de hoje. Quando utilizada, quer-se dizer o porquê de se fazer alguma coisa, ou seja, a razão ou causa pela qual se age ou se pensa de certa forma. Motivação expressa também o estado de ânimo do comportamento de um indivíduo ou grupo. Diz-se, por exemplo, que tal grupo de vendedores está altamente motivado para a campanha de vendas em curso, ou que os servidores de tal universidade perderam a motivação depois de determinada decisão do Diretor, especialmente se esta for flagrantemente injusta ou baseada em critérios estritamente pessoais (JACOMETTI, 1997).

Embora haja discrepâncias quanto a aspectos da concepção do que seja motivação, existe um acordo geral sobre um motivo ser determinado fator que dá início, dirige e orienta o comportamento de uma pessoa. Esse motivo é constituído, usualmente, de um impulso (sempre interno) e de uma recompensa, que se dá quando o objetivo do impulso é alcançado. O motivo deixa de existir quando o objetivo é alcançado (JACOMETTI, 1997).

Maslow (2000) adota, como hipótese central, uma hierarquia das necessidades humanas, pela quais as necessidades superiores somente surgiriam depois de satisfeitas as necessidades inferiores. Já, Herzberg (1959) distingue a satisfação da motivação no trabalho, onde a satisfação dependeria das condições de trabalho (fatores higiênicos), enquanto a motivação estaria relacionada com o próprio trabalho e influenciaria diretamente a produtividade.

As abordagens de Maslow e Herzberg apresentam alguns pontos de concordância que permitem uma configuração mais ampla e rica no que concerne à motivação do comportamento humano.

Na teoria de Herzberg (1959), os fatores higiênicos são fatores extrínsecos que pertencem ao meio (a relação com os colegas, o clima organizacional, os benefícios e as recompensas) e os fatores motivacionais referem-se a aspectos intrínsecos que estão sob o controle do indivíduo (competências profissionais, crescimento individual, capacidade de liderança).

Os fatores higiênicos de Herzberg são chamados de necessidades primárias por Maslow (necessidades fisiológicas e de segurança, incluindo algumas necessidades sociais), enquanto os motivacionais dizem respeito às chamadas necessidades secundárias (necessidades de autoestima e de autorrealização).

Neste artigo, se reconhece que a motivação é resultante de pulsões internas, de desejos e de necessidades individuais que cada pessoa, como ser único, busca concretizar. O meio externo, as organizações não são a origem da motivação humana. A organização, enquanto meio social, poderá facilitar ou barrar a realização dos desejos e a satisfação das necessidades. Na realidade, as frustrações constantes podem levar o indivíduo à apatia, ao descontentamento e à desmotivação se ele não encontra no meio social, as condições para a sua realização. Há, também, influência do meio externo sobre o indivíduo.

A motivação é fator de aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem. Pode ocorrer a aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem uma infinidade de outros recursos. No entanto, mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação não haverá aprendizagem (NERICI, 1988). Este trabalho evidencia como a motivação é fundamental para a aprendizagem do aluno, demonstrando que o ensino contextualizado proporciona a motivação, onde o professor é o agente histórico de transformação da realidade.

Nerici (1988) salienta ainda que a motivação é fator decisivo no processo da aprendizagem. Não poderá haver, por parte do professor, direção da aprendizagem se o aluno não estiver motivado e disposto a despende esforços. Não há, de modo geral, aprendizagem sem esforço. Não há método ou técnica de ensino que dispense o esforço por parte do aluno. Daí a necessidade de motivá-lo para as atividades escolares e para que haja esforço voluntário por parte de quem aprende.

Segundo Libâneo (1993), a motivação dos alunos para a aprendizagem ocorre através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como de métodos adequados. É fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos.

Para Tapia e Fita (1999, p.14),

os alunos não estão motivados ou desmotivados abstratamente. Estão motivados ou não em função do significado do trabalho que têm de realizar, significado que percebem num contexto e em relação com alguns objetivos e que pode mudar à medida que a atividade transcorre.

Vasconcellos (1995) afirma que o professor é o coordenador do processo de ensino-aprendizagem e deve assumir seu papel de agente histórico ou de transformação da realidade escolar, articulado à realidade social mais ampla.

Logo, a aprendizagem é uma constante procura do significado das coisas. A aprendizagem deve, pois começar pelo cotidiano onde os alunos estão envolvidos e cujos significados procuram construir (LIBÂNEO, 1993).

Numa primeira visão da motivação no processo educacional, considerava-se que era o professor que motivava o aluno; posteriormente, passou-se a considerar que a motivação era interna (intrínseca) e que, portanto, o responsável por ela era o próprio aluno. Hoje, temos uma compreensão mais abrangente, que supera essas concepções dicotômicas da motivação. Harper *et al.* (1980) afirmam que ninguém motiva ninguém; ninguém se motiva sozinho e os homens se motivam em comunhão, mediados pela realidade. A motivação para a construção do conhecimento em sala de aula, além das características do sujeito, está relacionada ao assunto a ser tratado, à forma como o assunto é trabalhado e às relações interpessoais entre professor-aluno e aluno-aluno.

Portanto, a motivação tem a ver com o trabalho e o conhecimento, com a organização da coletividade e com o relacionamento interpessoal. As três dimensões básicas do trabalho de sala de aula. Isto significa que, na sala de aula, a motivação é um complexo e dinâmico processo de interações

entre os sujeitos, os objetos de conhecimento e o contexto em que se inserem (FREIRE, 1979).

Como apontam Boruchovitch e Bzuneck (2001), alunos motivados, em geral, são marcados pelo interesse de busca, pelo esforço, persistência e engajamento em atividades acadêmicas. Em contraste, estudantes desmotivados não se esforçam intencionalmente, resistem em procurar ajuda e desistem facilmente diante de desafios e dificuldades.

Muito se tem questionado o papel da escola e do professor na aprendizagem escolar. Não são poucos os problemas a se discutir sobre a falta de motivação escolar. Alguns atribuem às salas de aulas superlotadas, a ocorrência de indisciplina e, conseqüentemente, repetência ou evasão escolar. Os professores têm vivido em constante estresse e os alunos com um desinteresse constante.

Um professor de culinária nunca começa ensinando aos alunos a comerem alho e cebolas cruas, pois se assim procedesse, ao final da aula não restaria um aluno sequer. Assim deve ser nossa atitude enquanto professor; ensinar os alunos a preparar o prato e, só depois de muita fome, saboreá-lo (ALVES, 1997).

Nerici (1988) afirma que um aluno está motivado quando sente necessidade de aprender o que está sendo transmitido. Essa necessidade leva-o a aplicar-se, a esforçar-se e a apreciar o trabalho até sentir-se satisfeito. Caso contrário, o professor ficará dando aula sozinho. Toda aprendizagem se realiza impelida por motivos e necessidades e condiciona comportamentos melhores no futuro. Só se come o alimento depois de prepará-lo, assim é a aprendizagem, precisa ser degustada para matar a fome do saber. Esta pesquisa, portanto, buscou levantar estes motivos, mediante a utilização da metodologia decrita a seguir.

2 Material e Métodos

Após a pesquisa bibliográfica sobre a base teórica, foi realizado um estudo de caso, do tipo descritivo, conforme definido por Yin (2001). Para tanto, os dados foram levantados mediante análise documental, questionário estruturado e observação direta numa dada realidade, de modo a se atingir o objetivo do estudo. A técnica de análise documental refere-se ao estudo de documentos, escritos ou não, e toda base de conhecimento acessível para consulta. Segundo Richardson *et al.* (1999, p.230), análise documental “[...] consiste em uma série de operações que visam estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionados”.

A técnica de observação direta, feita por meio da imersão de um dos pesquisadores, enquanto professor do estabelecimento pesquisado durante o ano letivo de 2006, possibilitou a coleta de dados através dos sentidos e permitiu que os pesquisadores recorressem aos seus conhecimentos e experiências pessoais no processo de compreensão do fenômeno estudado. “As provas observacionais são, em geral, úteis para fornecer informações adicionais sobre o tópico que

está sendo estudado” (YIN, 2001, p.115).

Para confirmar as observações realizadas, foi aplicada uma pesquisa de levantamento, através de um questionário estruturado com 11 questões de múltipla escolha, que foram validadas por meio de pré-teste e cujas respostas foram tabuladas em gráficos para facilitar a análise que é apresentada na próxima seção.

A pesquisa de levantamento é uma das formas mais usadas para coletar dados, pois possibilita medir com maior exatidão o que se deseja, facilita a coleta, pode ser enviada pelo correio, entregue ao respondente ou aplicada por elementos preparados e selecionados. Neste último caso, pode ser aplicada simultaneamente a um maior número de indivíduos. Todo questionário deve ter natureza impessoal para assegurar uniformidade na avaliação de uma situação para outra. Possui a vantagem de os respondentes sentirem-se mais confiantes, dado o anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais. Deve, ainda, ser limitado em sua extensão e finalidade (GOODE; HATT, 1979).

É necessário que se estabeleça, com critério, quais as questões mais importantes a serem propostas e que interessam ser conhecidas, de acordo com os objetivos. Devem ser propostas perguntas que conduzam facilmente às respostas, de forma a não se insinuarem outras colocações. Se o questionário for respondido na ausência do investigador, deve ser acompanhado de instruções minuciosas e específicas. Perguntas abertas destinam-se a obter uma resposta livre de caráter mais exploratório e perguntas fechadas destinam-se a obter respostas mais precisas (GOODE; HATT, 1979), embasadas pela teoria.

O problema de pesquisa foi então formulado em torno do objeto de pesquisa escolhido, buscando identificar o que leva um egresso a voltar para a sala de aula, já que poderia iniciar um curso superior? Ou por que alguns alunos, já possuindo um curso superior, preferem se matricular num curso técnico profissionalizante? E qual a expectativa do futuro técnico no mercado de trabalho? As respostas a estas questões levantaram a seguinte hipótese de pesquisa: o aluno da EJA procura um caminho mais rápido e eficiente para se profissionalizar numa determinada área e ingressar no mercado de trabalho.

Na expectativa de esclarecer estas questões e confirmar a hipótese da pesquisa, o estudo de caso foi realizado no Colégio Estadual Professor Mailon Medeiros, na cidade de Bandeirantes, Estado do Paraná, Brasil, no período de outubro a dezembro de 2006. Na ocasião, o estabelecimento contava com aproximadamente 1.300 alunos e um quadro funcional de 59 professores, 6 pedagogos e 25 membros da equipe administrativa e de apoio.

A organização foi escolhida intencionalmente, tendo como critério a sua adequação ao problema de pesquisa estabelecido. Da população de alunos do ensino profissionalizante, foi escolhida uma amostra aleatória, constituída por 115 alunos do ensino médio e pós-médio dos Cursos Técnico em Administração e Técnico em Informática do total de 270 alunos envolvidos diretamente no ensino EJA profissionalizante,

representando 42% do universo pesquisado.

3 Resultados e Discussão

A seguir, são apresentados os resultados obtidos com a realização do estudo de caso. As análises das respostas das questões formuladas são apresentadas por Figuras e interpretadas com base na literatura e na realidade observada.

Da amostra, 34% dos estudantes consultados estão na faixa etária de até 20 anos de idade. Em se tratando de um curso de EJA no período noturno, apresenta-se um quadro de alunos com maior idade. Entre 21 e 25 anos foram detectados 31% dos alunos pesquisados, mostrando que estes alunos buscam soluções mais imediatas para obtenção de maior espaço no mercado de trabalho. Entre 26 e 30 anos foram identificados 13%, faixa etária cuja profissão geralmente está definida. Entre 31 e 40 anos foram detectados 17% e acima de 41 anos, 5% do total, identificando pessoas que procuram refazer a vida, ocupar um novo espaço no mercado de trabalho e adquirir novos conhecimentos. Do total de alunos pesquisados, 63% são do sexo masculino e 37% do sexo feminino das três séries dos cursos.

Quando indagados se trabalham, 78% responderam que sim e 22% que não trabalham, ou seja, pode-se inferir que a motivação e as expectativas da clientela, em relação ao ensino profissionalizante EJA, são elevadas para se conseguir uma vaga no mercado de trabalho.

A Figura 1 mostra que 37% dos estudantes consultados vão a escola por prazer em estudar, enquanto que 45% vão por necessidade, ou seja, precisam melhorar a qualificação para conseguir ou melhorar de emprego. Esta pressão é muito grande e passa a ter influência direta no aprendizado, onde geralmente os alunos não rendem o suficiente, gerando desmotivação e indisciplina. Segundo Maslow (1943), este processo pode afetar sensivelmente a autoestima do educando, uma vez que ele, muitas vezes, sente-se incapaz de conciliar trabalho e estudo de forma satisfatória.

Figura 1: Você vai à escola para:

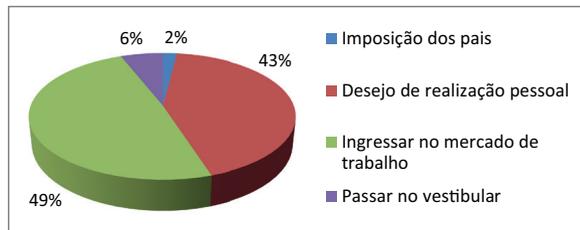


Fonte: Dados da Pesquisa

Na Figura 2, 43% dos alunos disseram que a razão dos estudos é um desejo de realização pessoal. Isto está ligado à autorrealização, sendo uma questão pessoal de cada indivíduo, onde existe o excesso ou a carência de motivos e cada um busca, no estudo, a recompensa pelo esforço e dedicação. A

resposta com o maior índice, 49%, visa o ingresso no mercado de trabalho. Esse imediatismo muitas vezes traz frustração e desmotivação porque os estudantes não conseguem ter êxito em concursos e acabam por trabalhar em serviços considerados desqualificados e com baixos salários.

Figura 2: A razão de seus estudos está ligada a:



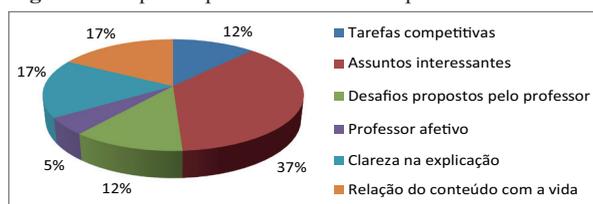
Fonte: Dados da pesquisa

Da amostra, apenas 6% estudam para ingressar no ensino superior, revelando que a graduação não é vista como condição necessária para a ascensão profissional. Quando o aluno não aproveita o seu potencial, ocorre a baixa estima, e a desmotivação é apenas uma consequência do problema. Segundo Maslow (1943) e Herzberg (1959), todas estas evidências mostram que o educando busca a qualificação para conseguir trabalho e de alguma forma, alcançar a autorrealização profissional.

Quando indagados se realizam tarefas escolares, observou-se que as respostas sempre e frequentemente apareceram com 43% cada, revelando um alto envolvimento com o curso. Das tarefas realizadas em sala de aula, 14% responderam que raramente realizam, ou seja, estes alunos certamente ficam conversando, desinteressados pela aula, conturbam e dificultam o aprendizado dos colegas, sendo um fator de desmotivação e indisciplina.

Na questão sobre o que desperta interesse pela aula, a Figura 3 mostra que 37% responderam que são os assuntos interessantes mais relacionados com a vida cotidiana, com a situação emotiva de cada um, dentro de uma realidade atual e aulas desafiantes. Outras respostas como tarefas competitivas e clareza do professor nas explicações obtiveram um bom índice de escolha. Pode-se inferir que as aulas monótonas são cansativas e desmotivadoras, e o aluno passa a não se interessar pelo conteúdo.

Figura 3: O que desperta o seu interesse pela aula?



Fonte: Dados da pesquisa

Na questão sobre o desenvolvimento profissional, 35% responderam que depende dos conteúdos oferecidos, enquanto que 28% disseram que depende da iniciativa de cada um. Para

17%, o comprometimento com o aprendizado pode alavancar o desenvolvimento para alcançar o êxito profissional, conforme mostra a Figura 4. Observa-se, portanto, que os conteúdos escolares são vistos como estímulos externos importantes para o crescimento profissional e a iniciativa própria relaciona-se com motivos internos para a busca do aprendizado.

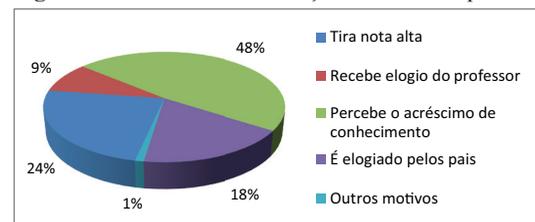
Figura 4: Seu desenvolvimento como profissional depende de:



Fonte: Dados da pesquisa

Na Figura 5, em relação ao esforço dos alunos, 48% afirmaram que se sentem reconhecidos quando percebem o acréscimo de conhecimentos nas atividades do dia a dia e 24% quando tiram nota alta. Das respostas obtidas, 18% se sentem reconhecidos quando são elogiados pelos pais. O elogio dos pais certamente está ligado às notas e não ao conhecimento adquirido, ou seja, notas altas nem sempre se traduzem em aprendizado efetivo.

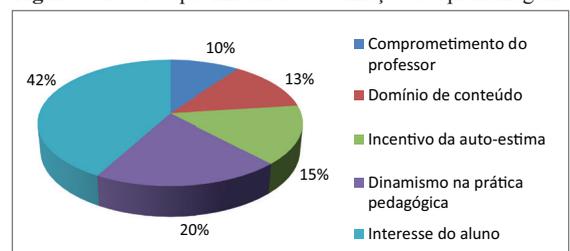
Figura 5: Você sente seu esforço reconhecido quando:



Fonte: Dados da pesquisa.

A Figura 6 aponta que 42% afirmaram que a realização da aprendizagem depende do interesse do aluno e é natural que isto ocorra. Os alunos sentem que o aprendizado não se realiza se não houver interesse e dedicação. Outros 20% disseram que a realização depende da prática pedagógica do professor e de seu dinamismo. Isto quer dizer que boa parte dos alunos se espelha no professor e o aprendizado se concretiza pela iniciativa e valorização do aluno.

Figura 6: Fatores que influencia a realização da aprendizagem

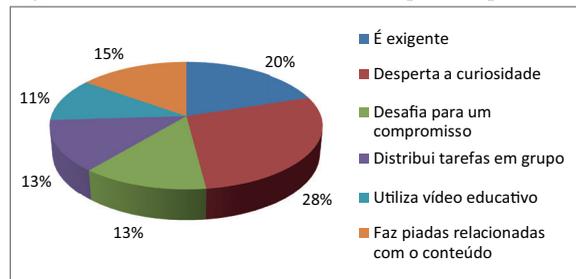


Fonte: Dados da pesquisa

Quando o professor apresenta posições pedagógicas decadentes, colocações ambíguas, impróprias, inadequadas ou descontextualizadas, não se realiza a aprendizagem. Isto confirma as observações de Vasconcellos (1995) e Tápia e Fita (1999). As outras respostas com menor índice estão ligadas ao domínio de conteúdos por parte dos professores, incentivos (fator extrínseco) e comprometimento (fator intrínseco) também são fatores relevantes que levam o aluno a motivar-se para a realização da aprendizagem.

Na questão sobre motivação para estudar, a Figura 7 mostra que 28% responderam que está aliada a curiosidades e desafios com perguntas por parte do professor, ou seja, quando o assunto desperta a curiosidade, os alunos ficam atentos e motivados, muito embora os alunos não gostam de responder perguntas em sala de aula.

Figura 7: Você se sente motivado a estudar quando o professor:

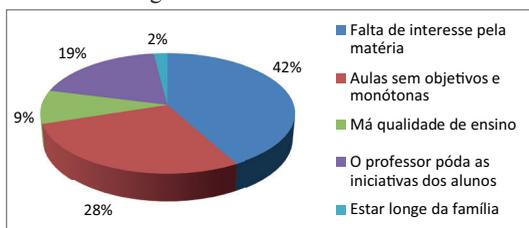


Fonte: Dados da pesquisa

Os assuntos interessantes são fortes aliados que despertam a motivação, conforme aponta Libâneo (1993). Para 20%, a exigência do professor motiva o aluno. É possível que esta exigência esteja ligada à nota, pois a média atual de 6,0 (seis) é baixa e não exige tanto esforço para se conseguir. Os outros percentuais estão relacionados com a dinâmica e a quebra de monotonia do professor para despertar interesse e motivação.

Na questão sobre desmotivação na sala de aula, a Figura 8 mostra que para 42% dos alunos, a causa principal da desmotivação é a falta de interesse pela matéria. A não valorização de certas matérias provoca um relaxamento por parte dos alunos, que acontece em virtude das exigências ou pesos que certas disciplinas têm no vestibular ou em concursos. O aluno observa que não tem motivos para aprender aqueles conteúdos.

Figura 8: Para você as causas da desmotivação em sala de aula estão ligadas a:



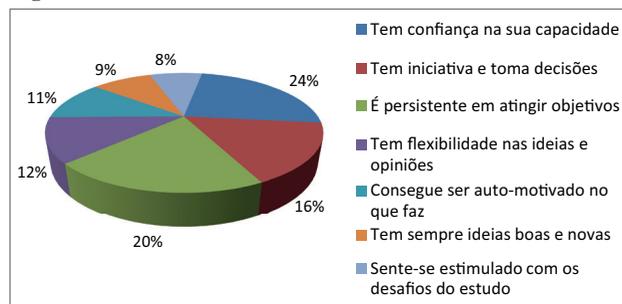
Fonte: Dados da pesquisa

Aulas monótonas e sem objetivos obtiveram 28% das afirmações. Isto é uma clara demonstração de que muitos conteúdos escolares devem ser revistos. Outra alternativa com 19% refere-se ao professor que impede as iniciativas dos alunos. Trata-se do professor “ditador” que não dialoga, provocando “terrorismo” entre os alunos e fazendo ameaças para ter o controle.

Na questão sobre satisfação, 45% afirmam que sempre têm satisfação em estudar e interesse nos estudos, outros 50% disseram que frequentemente têm satisfação em estudar e apenas 5% disseram raramente. Há uma clara demonstração de que o progresso que os estudos podem proporcionar na carreira profissional é um grande estímulo para a dedicação e consequente aprendizado dos alunos. Contudo, se não forem atendidas as suas expectativas, eles rapidamente podem relaxar e se tornar desmotivados.

A Figura 9 trata de um julgamento pessoal do aluno, onde 24% têm confiança na sua própria capacidade, retratando um desejo de vencer e buscar a realização. Outro índice relevante é a persistência com 20% das respostas, mostrando que muitos alunos percebem que se não houver dedicação, é impossível atingir objetivos. Outros 16% afirmam que têm iniciativa e tomam decisões quando solicitados. Outros fatores inerentes às posições pessoais também obtiveram bons índices de respostas. Pelo que se pode observar, está ocorrendo uma mudança de comportamento e de atitude por parte dos alunos, que estão mais exigentes, principalmente no que diz respeito às questões atuais de comunicação e tecnologia e com relação a determinados procedimentos dos professores. Esta exigência é um marco de transformação do ensino, invertendo a histórica forma de se fazer educação no Brasil.

Figura 9: Como estudante você:



Fonte: Dados da pesquisa

Os dados da pesquisa demonstraram que a motivação é realmente um fator poderoso para determinar o sucesso ou insucesso do educando. Este fenômeno atravessa todo o processo educativo e define se o aluno terá êxito ou fracasso em sua vida profissional. A motivação afeta a aprendizagem dos alunos, a estabilidade emocional e o desempenho profissional.

Verificou-se, com alguma visibilidade, que é preciso investigar mais este processo para encontrar os mecanismos propícios de desenvolvimento moral e social do aluno e que

estimulem a aprendizagem nas escolas. É na ação cotidiana da escola que emergem as necessidades dos educandos em busca de um espaço maior no mercado de trabalho e de realização pessoal. Investigações recentes acentuam o papel e a responsabilidade do professor em perceber se o educando está ou não motivado em sala de aula, assim como os motivos que levam à insatisfação.

4 Conclusão

Muitos são os educadores que deparam com alunos que apresentam desinteresse na aprendizagem escolar, resultando em evasão escolar e repetência. Os professores sentem o drama da indisciplina na sala de aula e acabam por se omitir. Todos têm seus argumentos, mas os professores, enquanto profissionais, não podem deixar de se aperfeiçoar para garantir uma educação embasada nos direitos e deveres de cada cidadão.

Se as escolas estão cheias de alunos desinteressados e com dificuldades no aprendizado, os educadores devem buscar motivá-los e dar-lhes condições para que a aprendizagem ocorra.

O presente estudo de caso demonstrou que a motivação, independente da situação social e cultural, é intermediadora da aprendizagem na medida em que faz o aluno buscar seus objetivos de carreira. Esta mesma motivação leva muitos alunos com formação superior a fazer um curso técnico profissionalizante e alunos com idade avançada a retornarem à escola em busca de novos conhecimentos.

Fatores como enriquecimento intelectual e pessoal, maior abertura no mercado de trabalho e maior rendimento salarial desencadeiam a motivação ou a falta dela durante as aulas. Algumas dificuldades também foram reveladas na pesquisa, tais como:

- Falta de clareza do professor em apresentar os conteúdos, o que prejudica o aprendizado e desmotiva o aluno;
- Inabilidade do professor em manter os alunos interessados no assunto, podendo levar à evasão;
- Desinteresse do aluno no conteúdo, na dinâmica da aula e no tema da aula provocam problemas sérios de aprendizagem;
- Problemas pessoais do aluno ou do professor transferidos para a sala de aula interferem no comportamento do aluno;

- Incapacidade do professor em lidar com questões disciplinares de difícil solução imediata e fuga de suas responsabilidades para lidar com os obstáculos do dia-a-dia.

É sempre bom lembrar que, de acordo com a administração dessas dificuldades, o educando poderá ser uma pessoa motivada ou extremamente desmotivada em sala de aula. O aluno está sempre tentando dizer algo, portanto cabe ao professor se empenhar para ouvi-lo e perceber quais estímulos motivacionais devem ser utilizados de forma a contribuir com a aprendizagem.

Referências

- AGUIAR, M.A.F. *Psicologia aplicada à administração*. São Paulo: Excellus e Consultoria, 1992.
- ALVES, R. *Cenas da vida*. Campinas: Papiros, 1997.
- BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J.A. *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FREIRE, P. *A educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOODE, W. J.; HATT, P.K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Nacional, 1979.
- HARPER, B. et al. *Cuidado, escola! Desigualdades, domesticação e algumas saídas*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- HERZBERG, F. *A motivação para o trabalho*. Nova York: Wiley, 1959.
- JACOMETTI, M. *Ferramentas para a gestão pela qualidade total*. Apostila. Cornélio Procopio: Gráfica do Cefet, 1997.
- LIBÂNEO, J.C. *A pedagogia crítica social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1993.
- MASLOW, A.H. A theory of human motivation. *Psychological Review*, v.50, p.370-396, 1943.
- MASLOW, A.H. *Maslow no gerenciamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.
- NERICI, I.G. *Didática: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1988.
- RICHARDSON, R.J. et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- SKINNER, B.F. *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- TÁPIA, J.A.; FITA, H.C. *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- VASCONCELLOS, C.S. *Construção do conhecimento em sala de aula*. São Paulo: Libertat, 1995.
- YIN, R.K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

